

Privatizar? Com a palavra, os candidatos

PAMELA NUNES
e REGINA ALVAREZ

BRASÍLIA — A discussão sobre o papel do Estado na economia sempre coloca em campos opostos os privatistas e os estatizantes. Foi assim na Constituinte, quando o tema privatização proporcionou os mais acalorados debates, e não está sendo diferente na sucessão presidencial, se for analisada a posição de cada candidato sobre o assunto. Nesse caso, no entanto, as diferentes propostas de modelo econômico permitem outras variáveis. Existem aqueles que, não se encaixando em nenhuma das duas classificações, preferem seguir o caminho do meio-termo.

A maior ou menor presença do Estado na economia é uma questão doutrinária e ideológica. E, se não chegam a determinar qualquer tipo de aliança futura ou a indicar prováveis composições de Governo, as semelhanças entre as propostas de cada candidato ensejam afinidades.

Entre os privatistas mais ferrenhos, estão quatro candidatos: Fernando Collor de Mello, do PRN, um pouco mais maleável do que os demais companheiros; Afif Domingos, do PL, seguidor do neoliberalismo econômico; Paulo Maluf, do PDS, com posições bastantes radicais sobre o assunto; e, Ronaldo Caiado, o mais privatista entre todos.

Não por coincidência, esses quatro candidatos estarão juntos no segundo turno. Mas Maluf e Afif, por exemplo, têm de manter uma distinção entre si, porque os dois, caso derrotados nas eleições presidenciais, estarão disputando o Governo de São Paulo no ano que vem. Terão de partir para uma aliança velada. Mas ambos poderão fechar acordos com Collor. E Caiado, que pode disputar uma cadeira no Senado, tam-

bém não tem nenhum impedimento político para juntar-se a qualquer um dos três outros privatistas no segundo turno.

O candidato do PFL, Aureliano Chaves, tem emitido fortes sinais de que apoiará o candidato do PDT, Leonel Brizola, caso ele chegue ao segundo turno. Aqui, também, há uma identificação, pois os dois defendem um modelo econômico misto, com um Estado forte, com controle sobre empresas que atuam em setores tidos como de segurança nacional, e admitem a privatização de algumas estatais, desde que a União mantenha o controle sobre as áreas que representam.

O candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, também se inclui nesse grupo e, como Aureliano, deverá ficar com Brizola na hipótese da chegada do ex-Governador à etapa final do pleito. Mas Aureliano dificilmente fará uma aliança com o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, no segundo turno. Ulysses e Brizola, pelo fato de Lula defender uma posição mais estatizante do que o ex-Governador do Rio de Janeiro, estão por isso bastante próximos atualmente. Mas, no fim, o que vai pesar e a chamada é a chamada união das forças "progressistas".

O candidato do PSDB, Mário Covas, que também se situa no caminho do meio-termo, ficará nesse grupo ou será apoiado por ele, caso passe para a etapa final.

Ao lado de Lula, o candidato do PCB, Roberto Freire, está entre os mais estatizantes. Os dois desejam a implantação do socialismo no País, mas um socialismo revisado, como vem pregando Roberto Freire, inspirado no perestroika e na glasnost de Mikhail Gorbachov.

A seguir, a posição dos candidatos sobre o papel do Estado na economia:

